

TRABALHO E SAÚDE: O COTIDIANO DOS CATADORES DE LIXO RECICLÁVEL

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Oswaldo Gradella Júnior

Universidade Estadual Paulista

Júlia Severi Leme

Universidade Estadual Paulista

Luciana Arroyo Ricco

Universidade Estadual Paulista

RESUMO

O presente artigo constitui-se de uma investigação/ação acerca das condições de trabalho dos catadores de lixo reciclável de uma cidade de porte médio no interior do Estado de São Paulo, principalmente sobre o processo saúde/doença, problemas relacionados à seguridade social e as condições de autonomia e cidadania. Utilizamos os constructos da Psicologia Social como referencial teórico. A reciclagem de lixo, conforme aponta a literatura, não vem sendo tratada apenas como uma solução para parte dos problemas ambientais, mas também tem se caracterizado como fonte de renda e de

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

sobrevivência para muitas pessoas, sem outras opções de vida. A partir da realização de entrevistas semiestruturadas, e tendo como método de análise os núcleos de significação, foram identificadas questões relacionadas à exploração dos catadores pelos sucateiros, ao preconceito existente em relação à atividade exercida, às condições precárias de moradia, à necessidade de um reconhecimento social e à dificuldade destes catadores de lixo reciclável em formar um grupo, no qual eles possam articular e lutar por suas reivindicações. Com o estudo, pretendeu-se indicar sugestões de melhorias na saúde destes profissionais e estimular reflexões coletivas e individuais sobre as condições verificadas através de encontros e também com a distribuição de folhetos informativos.

Palavras-chave: catadores de lixo reciclável; processo saúde/doença; psicologia social.

ABSTRACT

The present article is an investigation / action regarding the working conditions for pickers of recyclable waste in a medium-sized city in the state of São Paulo, mainly on the health / illness process, problems related to social security and conditions of autonomy and citizenship. We use the constructs of social psychology as theoretical. The recycling of urban garbage, as the literature indicates, is not being treated as just part of the solution to environmental problems, but also has been characterized as a source of income and livelihood for many people, with no other options in life. From the interviews were semi-structured, and with the method of analysis the meaning core were identified issues related to the holding of by scrap collectors, prejudice existing in relation to the activity performed, poor housing conditions, the need to social recognition and the difficulty of recyclable garbage collectors in forming a group in which they can articulate and fight for their demands. With this study, we intended to indicate suggestions for improvements in these health professionals and encourage individual and collective reflections on the condition of meetings and also through the distribution of leaflets.

Keywords: pickers of recyclable waste; health/disease process; social psychology.

RESUMEN

El presente artículo es una investigación / acción sobre las condiciones de trabajo de los recolectores de residuos reciclables en una ciudad de tamaño medio en el estado de São Paulo. El estudio incluye principalmente el proceso de salud / enfermedad, los problemas relacionados con la seguridad social y las condiciones de autonomía y ciudadanía. Utilizamos los constructos de la Psicología Social. La literatura indica que el reciclaje de los residuos, no está siendo tratado solo como parte de la solución de los problemas ambientales,. Ella también se ha caracterizado como una fuente de ingresos y de vida para muchas personas sin otras opciones en la vida. A partir de entrevistas semi-estructuradas y del método de análisis de los núcleos de sentido, fueron identificados problemas relacionados a la exploración de los recolectores de basura por los sucateiros, los prejuicios existentes en relación con la actividad realizada, las malas condiciones de vivienda, la necesidad de reconocimiento social y la dificultad de los recolectores de residuos reciclables en la formación de un grupo en el que puedan articular y luchar por sus demandas. Con este estudio se pretende indicar sugerencias para la mejora de estos profesionales fomentando la reflexión individual y colectiva sobre la condición en que viven, a través de reuniones y también de la distribución de folletos.

Palabras clave: recolectores de residuos reciclables; proceso salud / enfermedad, psicología social.

INTRODUÇÃO

A relação entre saúde/doença/trabalho é objeto de preocupação de vários estudiosos desde a consolidação do modo de produção capitalista iniciado pela divisão manufatureira do trabalho que "é uma criação totalmente específica do modo de produção capitalista" (MARX, 1988, p. 269). Nesse sentido, são necessárias algumas considerações sobre a categoria trabalho, por ser uma atividade vital humana por excelência, ou seja, a que possibilitou à espécie humana romper com os limites biológicos e constituir-se em gênero humano determinado pelas leis sócio-históricas (GRADELLA JÚNIOR, 2002).

Marx (1988, p. 142) escreve que o "trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla o seu metabolismo com a Natureza. (...) Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria, natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele, ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria Natureza. (...) Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem".

Essa concepção de trabalho nos remete à compreensão de sua imediata conexão com a linguagem e a consciência, pois, como diz Leontiev (1978, p. 69-70), "O trabalho, escreve Engels, criou o próprio homem. Ele criou também a consciência do homem." A transformação e hominização do cérebro, dos órgãos da atividade externa e dos órgãos do sentido só foram possíveis com a crescente complexidade do trabalho acompanhada pelo desenvolvimento da linguagem, formando assim a consciência. Essa consciência estrutura-se como reflexo psíquico da realidade e como construção de motivos e fins (GRADELLA JÚNIOR, 2002).

Nesse aspecto, as relações estabelecidas pelos trabalhadores coletores de lixo reciclável com a sua atividade implica em uma forma particular de se reconhecer no mundo, bem como na construção de suas relações sociais, principalmente em seu processo saúde/doença.

De acordo com Schmitt e Esteves (2013) a ocupação de catadores de lixo existe informalmente há mais de 50 anos no Brasil e, antigamente, esses trabalhadores informais eram conhecidos como “garrafeiros”, “papeleiros”, além de outras expressões com sentidos pejorativos. Somente em 2002, com a ocupação reconhecida pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO), é que esses trabalhadores passam a ser chamados de catadores de materiais recicláveis, os quais correspondem às “pessoas que vivem e trabalham, individual e coletivamente, na atividade da coleta, triagem e comercialização de materiais recicláveis” (p.11)

Segundo Lúcia e Teixeira (2004), atualmente há um problema crescente na destinação final do lixo, principalmente nas áreas de grandes centros urbanos, nos quais há contínuo aumento de consumo, e conseqüentemente da produção de lixo. Os temas sobre educação, preservação da natureza, tratamento de lixo e consumo responsável integram a agenda ecológica e ambiental, fazendo com que a atividade de reciclagem ganhe valor e importância.

A reciclagem de lixo torna-se diante do crescimento populacional, o aumento do consumo e de produção de lixo, uma das saídas possíveis para amenização do problema da destinação final de resíduos, e para evitar maior extração dos componentes provindos de fontes naturais, uma vez que sua atividade designa o reaproveitamento de materiais beneficiados como matéria-prima, sendo estes os mais comuns: papel, vidro, metal e plástico, para a composição de um novo produto (MEDEIROS; MACÊDO, 2006).

Medeiros e Macêdo (2006) foram capazes de identificar e caracterizar a rotina dos catadores que consiste em catar e separar do lixo o material reciclável em uma quantidade que seja suficiente para vender, semelhante à categorização feita pela Classificação Brasileira de Ocupações desde o ano de 2002. Passado esse processo, é realizado o comércio dos materiais recicláveis entre os catadores e as empresas de reciclagem, geralmente tendo a mediação dos atravessadores, chamados de sucateiros.

Para Magera (2003 apud MEDEIROS; MACÊDO, 2006), a rotina desses catadores é exaustiva e realizada em condições precárias, que ultrapassam um tempo considerado limite ao desgaste físico e mental humano, além de ser realizada a custo de muito esforço físico devido à tração dos carrinhos puxados, que chegam a carregar mais de 200 quilos de lixo, e a percorrerem distâncias demasiadamente longas.

Porto et al. (2004) relatam em sua pesquisa, feita com 218 catadores da cidade do Rio de Janeiro, que cerca de 40% deles se alimentavam do que encontravam no lixo, assim como cerca de 70% deles já haviam sofrido algum tipo de acidente de trabalho. Além de todos esses aspectos que levam ao desgaste, Magera (2003 apud MEDEIROS; MACÊDO, 2006) chama a atenção aos aspectos da má remuneração desses trabalhadores que por vezes são explorados pelos sucateiros que compram/trocam os resíduos por bebidas alcoólicas ou por um valor insuficiente em relação à produção do catador.

Gonçalves (2006) considera um paradoxo essa relação, pois apesar da importância atribuída à reciclagem atualmente, os catadores de lixo reciclável continuam expostos a um ambiente de trabalho com condições precárias. Carmo (2009) corrobora essa ideia ao apontar os catadores como sujeitos que desconhecem a logística do processo de reciclagem. Muito desse desconhecimento se deve às condições socioeconômicas desses trabalhadores, que estão também diretamente relacionadas às suas próprias condições de saúde.

Os catadores observados [na presente pesquisa] são desde pessoas jovens a idosas. Os jovens, em geral, são filhos de migrantes, possuem baixa escolaridade e pouca experiência em outras atividades profissionais. Os idosos, normalmente, são migrantes e, muitas vezes, analfabetos, cuja atividade anterior era na agricultura, como auxiliares de obra ou como faxineiros. (CARMO, 2009)

Sabendo que se trata de um trabalho precário, realizado em condições inadequadas e com alto grau de periculosidade e insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos muitas vezes irreversíveis à saúde, os participantes da pesquisa de Medeiros e Macêdo (2006) demonstraram não considerar cortes, perfurações e escoriações como acidentes de trabalho. Para esses sujeitos, os acidentes de trabalho são ocorrências geradoras de situações críticas que os impediriam de exercer suas atividades.

Segundo Porto et al. (2004) os catadores percebem o lixo como uma fonte de sua sobrevivência e a saúde como capacidade de seu trabalho. Sendo assim, eles tendem a negar a relação direta existente entre o trabalho e problemas de saúde. Somado a isso, Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

de acordo com a pesquisa de Miura (2004), os catadores de lixo não estão preocupados com os prejuízos provocados à saúde pela atividade, pois a fome gerada pela ausência do ganho com o trabalho seria mais dolorosa do que qualquer outro adoecimento.

Outra questão tratada por Medeiros e Macêdo (2006) refere-se a considerar o trabalho dos catadores de materiais recicláveis como fator de inclusão social. É discutido o fato de esse trabalho ser considerado uma inclusão social perversa, pois, ao terem um trabalho, estes indivíduos estariam incluídos na sociedade quando, na verdade, são considerados excluídos socialmente pelo tipo de trabalho que realizam, considerado desqualificado.

Portanto, a reciclagem não se trata apenas de ser solução para parte dos problemas ambientais, mas também é fonte de renda para muitas pessoas. A cada dia, mais pessoas têm buscado sua própria sobrevivência nessa forma de trabalho. Sabendo disso, este artigo pauta-se pela necessidade de conhecer a realidade dessa categoria de trabalhadores, sua saúde física e mental, assim como representações que realizam sobre si e sobre seu trabalho.

OBJETIVOS

A preocupação com questões referentes ao trabalho e à realidade dos catadores de lixo reciclável surgiu de um projeto de trabalho de conclusão de curso em uma cooperativa de lixo reciclável proposto por uma discente do curso de Engenharia de Produção. Os objetivos eram a organização do trabalho com perspectivas de aumento da produtividade favorecendo os trabalhadores do local, utilizando como instrumento para reflexão o processo de grupalização (ROCHA, 2009; GRADELLA JÚNIOR et al., 2010). Deu-se início então a um projeto de extensão desdobrando a atenção aos trabalhadores informais que realizam a coleta, separam e comercializam o lixo reciclável, com a participação dos discentes do curso de Psicologia em todas as etapas do trabalho, inclusive na elaboração desse artigo. O presente estudo surge como projeto de extensão,

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

porém, incorpora a pesquisa como instrumento necessário para obtenção de conhecimentos sobre essa população, pois qualquer intervenção pressupõe conhecimento, ou seja, é possível compreender sem intervir, mas não é possível intervir sem compreender (BLEGER, 1988).

Realizado em uma cidade de porte médio no interior do Estado de São Paulo, este estudo teve como objetivos conhecer as condições de trabalho e as relações do processo saúde/doença dos catadores de lixo reciclável; identificar os problemas relacionados à seguridade social, atenção à saúde, direitos trabalhistas, organização sindical e política. A partir desses dados, pretende-se criar condições de reflexão coletiva e individual acerca das questões identificadas e propor ações que possibilitem encaminhamentos, soluções, melhorias nas condições de trabalho, na produtividade e nas condições de saúde e de vida destes sujeitos.

METODOLOGIA

Estabelecemos contato com esses trabalhadores por intermédio de um professor de artes da mesma instituição de ensino, que já realizava projetos na comunidade. Com a necessidade de ampliar o contato com um número maior de catadores, foi solicitado aos entrevistados à indicação de novos nomes. As entrevistas semiestruturadas (Anexo 1) foram realizadas na residência dos catadores, preferencialmente aos sábados à tarde, incluindo a autorização para divulgação. Foram entrevistados 10 (dez) sujeitos que moravam naquela favela, tinham família e a sustentavam com esse trabalho. Como procedimento de análise dos dados foi utilizado os chamados Núcleos de Significação, instrumento este recomendado para uma investigação dentro da abordagem sócio histórica. Esse instrumento é muito utilizado em análises de materiais qualitativos, pois visa apreender, a partir do conteúdo do discurso do sujeito, os sentidos que o constituem.

Serão expostas algumas breves considerações sobre a categoria de sentido e suas implicações metodológicas, desenvolvidas principalmente por Vygotsky. Em 1927, quando escreve *O significado Histórico da Crise da Psicologia*, Vygotsky aponta para a necessidade e importância de um método adequado para compreender a complexidade do que entendia como objeto de estudo da psicologia: o homem e suas funções psicológicas, revelando então a necessidade de uma teoria que fizesse a mediação entre o método materialista histórico e os fenômenos psíquicos. Nesse sentido, destacava a impossibilidade de se construir um método alheio à concepção de homem.(VIGOTSKI, 2004)

A apreensão do homem, segundo Vigotski (2001), dar-se-á pela compreensão da gênese social do individual. Desse modo, entende-se o homem como ser social e singular, como síntese de múltiplas determinações, tendo sua singularidade constituída por meio das mediações sociais (particularidades/circunstâncias específicas), as quais devem ser apreendidas para além da aparência, do imediato, indo à busca do processo, do não dito, do sentido.

Após essas considerações metodológicas, uma questão preliminar à discussão dos sentidos e significados é a relação linguagem-pensamento. Segundo Aguiar e Ozella (2006), os signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, são meios de contato com o mundo exterior, do homem consigo mesmo e também com a própria consciência. Sendo assim, os signos não são instrumentos apenas para comunicação, mas também como meio de atividade interna, representando uma forma de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito.

Como afirma Vigotski, “O Pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (2001, p. 409) e para que o pensamento seja compreendido é preciso que se analise o processo, que se expressa na palavra com o significado e, ao apreender o significado da palavra, entende-se o movimento do pensamento.

Tendo a relação pensamento-linguagem configurada numa relação de mediação, o pensamento sofre, portanto, muitas transformações, de modo que essa transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e pelo sentido, sendo necessária a compreensão destas categorias.

Segundo Vigotski (2001), o significado, no campo psicológico é uma generalização, um conceito, sendo produções históricas e sociais, uma vez que o homem, no agir humano, realiza uma atividade na qual operam com os significados. Significação esta que tem o poder de transformar o natural em cultural, permitindo a comunicação e socialização de nossas experiências. Podemos compreender os significados como ponto de partida. Entretanto, sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se encaminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido, se aproximando mais da subjetividade.

González Rey (2003) afirma que o pensamento, sendo um processo psicológico e de caráter cognitivo, apresenta também um sentido subjetivo, pelas significações e emoções que se articulam em sua expressão. Sendo assim, o pensamento sempre emocionado não pode ser entendido como algo linear ou fácil de ser captado. A apreensão dos sentidos, portanto, apresenta expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos demonstram indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele, sendo essas vivências muito mais ricas e complexas do que parecem, uma vez que essas não são expressas objetivamente.

Portanto, esta reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos se estruturará na busca da explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, iremos estudá-lo em seu processo histórico, indo além da descrição das aparências e dos fatos empíricos.

Para se alcançar então a apreensão dos sentidos e da subjetividade dos sujeitos participantes, foram necessárias as seguintes etapas de organização e análise do material coletado:

Pré-indicadores

A partir do material gravado e transcrito, foram realizadas várias leituras para que nos apropriássemos do mesmo. Com essa leitura foram emergindo temas caracterizados pela sua frequência ou repetição, pela importância enfatizada nas falas dos sujeitos, pela carga emocional presente, pelas insinuações e até mesmo pelas contradições, estruturando assim os pré-indicadores. Esses foram selecionados em grande quantidade,

e um critério de filtro para os mesmo foi a verificação de sua importância com os objetivos da pesquisa.

Indicadores

Os temas emergidos com os pré-indicadores e com uma segunda leitura puderam seguir para o processo de aglutinação, seja por similaridade, complementaridade ou pela contraposição e foram agrupados de modo a reduzir a diversidade.

Considerando o que coloca Vigotski (1998, p. 182 *apud* AGUIAR; OZELLA, 2006) “Quando diversas palavras se fundem numa única, a nova palavra não expressa apenas uma ideia de certa complexidade, mas designa todos os elementos isolados contidos nessa ideia”, os indicadores se articulam, portanto, com situações e conteúdos temáticos, os quais lhe atribuem significado.

Nesse momento, uma primeira seleção de trechos que ilustrassem e esclarecessem nossos indicadores foi realizada.

Núcleos de Significação

Partindo para uma fase de análise propriamente dita, foi feita uma releitura do material, agora considerando a aglutinação resultante da etapa anterior e iniciou-se o processo de articulação que resultou na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação.

Esse processo resultou nos seguintes núcleos: condições socioeconômicas, condições de saúde e trabalho e representação social. Dentro do segundo núcleo descrito, há diferentes conteúdos, sendo eles: rotina, segurança no trabalho e saúde e meio de trabalho.

Sendo assim, com esses núcleos de significação, foi possível avançar do empírico para o interpretativo, uma vez que os mesmo expressam pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito da pesquisa, envolvem suas determinações constitutivas e ainda explicitam o processo e o movimento do sujeito dentro dos objetivos do presente estudo.

Após a elaboração dos núcleos de significação, iniciaram-se as atividades de grupalização e a posterior elaboração de folhetos informativos com os dados coletados e questões relacionadas à saúde e direitos sociais e trabalhistas, bem como de orientação

para a população da importância da reciclagem para ser distribuído nas residências no trajeto por eles percorrido diariamente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando o método utilizado, a análise dessas entrevistas foi estruturada em três grandes eixos: a) condições socioeconômicas; b) condições de saúde e trabalho e c) representações sociais. Entretanto, diante dessas análises, sabe-se que, na realidade, não é possível separar essas questões, pois constitui a totalidade da complexidade das relações sociais dos sujeitos.

Condições socioeconômicas

Conforme as entrevistas realizadas, constatamos que todos catadores de lixo reciclável viviam em condição de pobreza, assim como os sujeitos pesquisados por Carmo (2009), que possuíam condições socioeconômicas precárias e baixa escolaridade. Nenhum dos catadores especificou o quanto conseguem arrecadar por mês com a coleta, pois isso depende muito da quantidade de material coletado, como também do preço de cada mercadoria, sendo este vulnerável a situação em que o mercado se encontra. A média salarial prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é de R\$ 140,00. (MNCR, 2013).

Dos entrevistados apenas 2 (dois) possuíam ensino fundamental completo, 3 (três) deles possuíam ensino fundamental incompleto e 5 (cinco) deles nunca estudaram. Os catadores em totalidade atribuíam o abandono do estudo devido às condições financeiras que enfrentaram no período de suas infâncias, pela necessidade de auxiliarem os pais com o sustento da família, começavam a trabalhar quando crianças e não conseguiam, assim, conciliar a escola com as demais atividades que desempenhavam, além de outros motivos atribuídos como o casamento e o nascimento dos filhos.

“Eu estudava, parava, estudava e parava. Estudava e parava né.” (Catador 01)

“Nunca fui à escola. Quando é... A gente trabalha desde a idade de os nove anos. É. Pra ajudar em casa né. Eu morava lá no Paraná né.” (Catador 06)

“Parei de estudar porque eu casei, depois fiquei grávida” (Catador 07)

“Parei de estudar pra trabalhar né, nós somos pobres né. Não somos que nem a classe média, que pode pagar escolar e ficar estudando. Pra gente emprego é importante né, aí não dá pra continuar estudando e só isso.” (Catador 08)

Além da aprendizagem adquirida na escola, os entrevistados demonstraram valorizar a aprendizagem adquirida por experiência de vida, que possivelmente supriria a falta do conhecimento através de estudos. Entretanto, apesar de considerarem a importância da experiência de vida, reconhecem a necessidade de ver seus filhos formados na escola como uma forma de ascensão social, na qual os estudos possibilitariam seus filhos a possuírem melhores condições econômicas e de bem-estar.

“E eu falo pra eles né, que eles vão crescer e seguir a vida deles e que vai ser diferente. Porque eu sou um catador de papelão, podia ser assassino, ladrão, eu trabalho né, é uma coisa justa que até Deus vê. Que Deus vai abençoar né, e já abençoa porque os meninos são muito inteligente.” (Catador 02)

“Eu achava que trabalhando eu ia conseguir dar uma casa pra minha mãe, mas chegava no final do mês e não tinha nada né, aí ali meu sonho acabou né. Porque salário mínimo é ilusão. Tem que estudar né.” (Catador 02)

“Ah, por causa de falta de estudo né, desemprego, família, um monte de coisa, um monte de fator. Porque estudo, estudo nós não temo.” (Catador 01)

Em relação ao trabalho, já quando adultos, os catadores de lixo reciclável relatam que trabalharam em indústrias ou no comércio, em geral com carteira assinada e demais direitos. Porém, tais empresas entraram em falência ou os demitiram, fazendo com que os mesmos ficassem desempregados. Tendo em vista a dificuldade de encontrarem novos empregos, ocasionada muitas vezes pela baixa escolaridade e motivados pela necessidade de sustentarem suas famílias, essas pessoas acabaram recorrendo ao trabalho informal, como a coleta de lixo reciclável – fato corriqueiro no Brasil.

“Sabe que eu nem sei explicar pra você como que eu aprendi? É verdade, mas acho que aprendendo viu, porque quando a gente veio de Taquaritinga a gente nunca tinha trabalhado com reciclável ainda. Lá a gente trabalhava com laranja e aí chegamos

aqui meu marido começou a catar papel, porque ele é praticamente analfabeto né? Ai começamo e a gente perdia muita coisa, porque não sabia né? Igual, papel branco a gente não catava, plástico a gente achava que não vendia. Aí depois as pessoas foram falando pra gente “cata isso, cata aquilo...”, “aquilo ali não dá muito, mas já ajuntando tem um dinheiro..”. Foi onde a gente foi adaptando, foi aprendendo mais, hoje não, eu sei décor o que presta e o que não presta, no começo foi difícil.” (Catador 04) citação muito extensa, precisa filtrar...

“Comecei a trabalhar com isso porque não tinha outra oportunidade né, quer dizer não tem até hoje, por causa de estudo né.” (Catador 07)

Poderia citar aqui as falas representativas e depois abrir esse outro assunto e citar as falas. Outro fator relevante, o qual motivou estas pessoas a iniciarem a atividade da coleta de lixo reciclável, foi a oportunidade de trabalharem sozinhos, ou seja, tornarem-se independentes

“Eu não gosto de patrão, não gosto de ser mandado por ninguém, então eu faço isso mesmo, vendo pra quem eu quiser não me preocupo com ninguém. Eu não gosto de ser mandado, de ter horas, esse tempo já foi, quando eu era jovem de ser pontual.” (Catador 08)

“Eu cansei de ser empregada, trabalhar de empregada, todo dia, cansa. Agora eu trabalho a hora que quero e o dia que quero.” (Catador 09)

É importante ressaltar que os entrevistados começam a trabalhar com tal atividade muitas vezes por falta de opção. Muitos acabaram por executar tal atividade como único caminho, o qual os propiciaria uma forma de sustentar suas famílias sem que precisassem de maiores estudos e formação escolar. Essas pessoas foram orientadas pelos próprios compradores do material reciclável ou aprenderam a atividade através da observação. Sendo assim, como na pesquisa de Medeiros e Macêdo (2007), parece haver uma relação entre a falta de estudos e a condição de ter que viver do trabalho de catação.

No estudo, priorizamos os catadores que se utilizam dessa atividade para o sustento e bem-estar de suas famílias, já que muitos deles relataram a existência de pessoas que executam tal atividade a fim de sustentar o vício em drogas.

A maioria dos entrevistados migrou de outras cidades a fim de conquistarem uma condição de vida melhor. Atualmente, residem em média há dez anos em uma comunidade localizada na zona sul do município, que não possui saneamento básico e os

serviços de água e luz são clandestinos. Esse local é propriedade da prefeitura, a qual muitos relatam que estaria disposta a despejá-los do local. A comunidade localiza-se ao lado de um condomínio de luxo, no qual eles também efetuam a coleta. Eles almejam

“... a melhora pra comunidade né, a melhora de esgoto né. Porque metade da favela tem esgoto e outra não né, na minha casa não tem, tem água mas não tem esgoto. É coisa pública né.” (Catador 01)

“A luz dessa e de muitas comunidades que nem essa daqui tá no gato, a maioria não tem estrutura.” (Catador 10)

Aqui cabe lembrar, que a presente atividade do catador, exige que o mesmo possua um espaço próximo à sua residência, no qual armazene seu material coletado e o separe, conforme suas especificações, antes da venda, além de um local no qual a maioria deles aloje seus cavalos para tração da carroça, entre outros instrumentos utilizados na coleta. Sendo assim, a favela em questão propicia aos seus moradores tal condição, na qual não aconteceria se eles tivessem que passar a residir em casas de alvenaria ou terrenos particulares.

Condições de Saúde e Trabalho

Rotina

Os catadores relatam que a rotina de trabalho da coleta do lixo tem dias, hora e locais específicos, mas também tem certa flexibilidade, conforme as vontades e possibilidades do catador, uma vez que estes trabalham sozinhos, não tendo dependência com mais ninguém, sendo esse ponto ressaltado como positivo no trabalho realizado por eles.

Segundo os relatos, as coletas ocorrem de manhã ou então nas madrugadas. Essas coletas de manhã, ocorrem normalmente das 06h30 até 10h30 ou 11h, e na madrugada entre 2h e 3h da manhã até 8h ou 9h. Com esses dados, tem-se a média de cinco horas que os catadores permanecem andando. Os entrevistados apontaram lugares, residências e condomínios específicos nos quais realizam a coleta, ou seja, cada um tem seu “ponto”.

Após a coleta, os catadores levam todos os tipos de materiais que recolheram para a própria residência e realizam a reciclagem propriamente dita (a separação dos

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

materiais) nas proximidades e localidades da casa. Estão constante e diariamente em contato com o lixo, não sendo apenas na hora da coleta, como também na própria residência, pois apesar de terem a intenção de levar apenas o que é reciclável, às vezes podem estar junto algumas sobras de lixo orgânico ou até mesmo um material reciclável contaminado/sujo, tendo como consequência a necessidade de queima dos mesmos. Alguns dos catadores afirmam que recebem ajuda dos familiares como esposas e filhos, tanto no processo de coleta como de reciclagem. Não há um material específico que eles coletam, com exceção de uma catadora que só coleta material plástico por conta de realizar o trabalho todo a pé.

Segurança no trabalho e saúde

Quando questionados sobre práticas relacionadas à segurança e ao uso de equipamentos de proteção, como por exemplo, as luvas, eles alegaram não usar por questões referentes ao próprio costume ou então que não tem condições, pelo desenvolvimento do trabalho ou por eles próprios terem que custear os materiais.

“Mas acontece que não dá pra trabalhar com luva. Porque agente tem que abrir o saco, e a luva atrapalha sabe!? Não tem como.” (Catador 03)

“Ah se eu ponho a luva, eu não cato o reciclável! Eu não consigo trabalhar com aquilo na mão, você entende?” (Catador 04)

“A gente que não tem costume mesmo, porque começou desde o começo sem luva, até acostumar dá trabalho” (Catador 10)

“(…) o dinheiro já é pouco né pra ficar comprando essas coisas. Mas a gente sabe que é perigoso né” (Catador 07 – se referindo aos equipamentos de proteção)

Nessa mesma perspectiva de segurança e equipamentos de proteção, questões sobre possíveis riscos de acidente se sobressaíram. Quando questionados sobre se já sofreram algum acidente no trabalho, muitos comentam sobre cortes na mão, mas estes são tratados e relatados com total normalidade ou até mesmo afirmam que nunca sofreram acidente algum ou tivessem se machucado.

“Corte em mão sempre tem esses cortinhos né.” (Catador 06)

“Mas agora a gente fica atento né. que tem isso né. e agora a gente se controla né. Não pega assim” - mostrando o jeito que uma vez se cortou (Catador 03)

“Furei o dedo, não sei se era agulha, não sei o que era” (Catador 07)

“(...) não aconteceu, é mais fácil eu se machucar fora do serviço do que trabalhando” (Catador 10)

A partir do relato de um dos entrevistados, fica evidente que eles estão conscientes da condição degradante em que vivem. Entretanto deixam de pensar e refletir para poder realizar o trabalho, pois se forem levar em consideração todas as condições de precariedade e desgaste ocasionadas pelo trabalho da coleta, ninguém iria realmente “enfiar a mão no saco”.

“(...) hoje se você pensar nesse trabalho como é colocado, a primeira coisa que vem é que você não faz porque senão você vai ficar doente.” (Catador 02)

Outro recurso apontado pelos catadores que auxilia na força para continuar a realizar o trabalho é a figura de Deus como proteção religiosa, de que é Deus quem os protege e guia seus caminhos. Ou seja, acabam se apegando a esta crença religiosa para conseguirem permanecer com a coleta e exposição direta ao lixo, além de outras questões e razões pessoais direcionadas a esta crença.

“Eu só com a misericórdia de Deus mesmo pra a gente não pegar doença, pra não pegar as coisas ruim.” (Catador 03)

“(...) muito sacrificado, por isso que é Deus que cuida da gente.” (Catador 02 – se referindo ao trabalho de coleta)

“Ah que luva, Deus guarda! (...) até agora não peguei nada não, graças a Deus!” (Catador 04)

“Não, nunca, graças a Deus” (Catador 09 – se referindo aos acidentes de trabalho)

“Graças ao bom Deus que vai comigo toda madrugada” (Catador 08)

De modo geral, quando questionados se utilizam os serviços disponíveis nos postos de saúde pública e/ou frequentam os mesmos, os catadores afirmaram nunca ter necessitado ir ou foram poucas vezes, alegando serem pessoas fortes que nunca precisaram do serviço do posto de saúde.

O uso deste serviço é utilizado mais por parte da família do sujeito, mas os próprios entrevistados relataram que a maior dificuldade frente aos serviços disponibilizados é a demora no atendimento e a necessidade de se chegar muito cedo ao local para tentar conseguir uma consulta – sendo que muitas vezes não se consegue. Para eles não há outra saída, uma vez que os convênios são de custo muito alto para esta população, bem como para a maioria da população brasileira.

Meio de Trabalho

Em relação ao meio de trabalho, cada entrevistado apresentou uma forma diferente, tendo cada uma delas suas especificidades e dificuldades. Os meios de trabalho explicitados foram:

- À pé, sem carrinho;
- Tração humana (carrinho puxado pela própria força);
- Tração animal (carrinho puxado pelo cavalo);
- Carrinho puxado por meio de uma bicicleta;
- Tração Mecânica (Automóvel)

A questão sobre o cansaço do trabalho de coleta foi o mais citado pelos catadores que necessitam de sua própria força. O catador, que se utiliza do carrinho, quando questionado se possuía um ou se tinha cavalo, ele respondeu de prontidão: “*Tenho nada, o cavalo sou eu.*”. Essa afirmação expressa como o trabalho exige grande esforço físico e causa exaustão devido à tração humana do carrinho, que muitas vezes chega a carregar quilos de lixo percorrendo longas distâncias, fazendo-o se sentir como um animal de carga.

Para os catadores entrevistados que se utilizam da carroça puxada pelo cavalo, há presente o tema sobre os cuidados que se deve ter e oferecer para os animais. Em todos os casos houve expressão de extremo cuidado com o animal e uma identificação com ele no sentido de que o trabalho de catação depende dele, sendo até mesmo caracterizado como o “*ganha pão*” desses sujeitos.

“*Meu cavalo é bem tratado, ele é tratado no cocho, com alfafa, com ração, é melhor tratado do que a mim e a minha família porque ele é que dá o pão de cada dia.*” (Catador 04)

“*Tem tudo, meus cavalo são tudo gordo, que eu dou ração. É aqui tem o espaço reservado, o lugar que eles ficam pra comer ração.*” (Catador 05)

Representação social

Sabendo que a representação social trata do modo pelo qual o indivíduo conhece o mundo que o cerca, é possível identificar através das entrevistas realizadas algumas representações sociais mais significativas desses sujeitos. Como é o caso da relação que

os entrevistados estabelecem com a questão de formação e/ou participação em cooperativas.

Quando questionados sobre a possibilidade de atuar junto a uma cooperativa, todos os entrevistados responderam que nunca fizeram parte de uma cooperativa e dois dos catadores afirmaram como interessante esta questão e os outros dois não demonstraram tanto interesse assim.

Muitas das falas a respeito, além de demonstrarem pouco conhecimento sobre a real dinâmica de uma cooperativa, evidenciaram também a desconfiança que um catador mantinha em relação a outro:

“Não gosto de compromisso. Eu gosto de compromisso que eu assumo e não que eu sou forçado. Esse negócio de cooperativa, eu não gosto disso porque tem compromisso” (Catador 08)

“Ah, pra melhorar mesmo tem que ter um mercado que compre e busque da gente, porque aqui mesmo compra com preço muito baixo. Talvez uma cooperativa pra comprar da gente” (Catador 09)

“Eu não conheço cooperativa direito. Era meu sonho montar uma cooperativa (...) pelo que eu me entendo por gente eu acho que a cooperativa muda a vida de muita gente (...) quando você junta 05 pessoas e trabalha 05 pessoa junto, vai pra frente. Mas se você tem 05 e 03 começa a te passar a perna, os 02 não vai pra frente, ele vai cair junto. Então foi aonde que eu desanimei” (Catador 10)

Quanto ao relacionamento entre os catadores, pudemos observar entre o relato dos quatro catadores que não havia uma opinião predominante entre eles. Enquanto uns afirmavam não conversar como no caso do Catador 08 – *“Não. Eu converso só quando perguntam. Porque é uma coisa só minha, meio jeito de trabalhar é uma coisa só minha”* – outros já afirmavam conversar, como nos casos do Catador 01 – *“às vezes conversando a gente se entende né”* – e do Catador 10 – *“Muitas vezes conversamos sim. Eles vêm conversa comigo, eu troco ideia”*.

A partir das entrevistas com os catadores notou-se também uma questão relacionada à vontade de maior reconhecimento social, seja em um aspecto mais físico e material – como no caso de um salário fixo, carteira assinada, oportunidades de estudo e aprendizagem – como também em aspecto social – as pessoas tendo mais respeito com

eles. Ou seja, eles vivenciam uma contradição entre a independência sem reconhecimento e a carteira assinada como representação desse reconhecimento.

“Nós não somos reconhecidos, nós não somos respeitados, porque eu vejo, eu não né, mas eu vejo muito catador de papel sendo xingando, sendo mal tratado na rua, chamam de vagabundo entendeu? E não é, não é porque você é um catador de papel que você é um vagabundo, você não é não. Desde que você tá trabalhando, tá ganhando seu dinheiro honesto, não verdade?” (Catador 04)

“O pior aqui negativamente é que você limpa as coisas e não é bem recompensado né? Você vai e faz a coisa pior e não é recompensado e o outro que fica esperando na boca é mais recompensado que a gente.” (Catador 05).

Esse reconhecimento social foi apontado como uma possibilidade de melhoria na profissão e também para torná-la menos “humilhante”, como foi descrita pelos próprios catadores.

“Então eu vejo como a situação do catador de papel hoje humilhante (...) o catador de papel tá na ponta de uma miséria (...) melhorar o respeito e a educação um pelo o outro” (Catador 10)

Um dos entrevistados até se emocionou ao falar do preconceito que sofria nas ruas e até mesmo pelo fato de morar na favela, não conseguindo assim referências positivas a seu respeito, prejudicando o seu trabalho como faxineira.

“As vezes as pessoas vêem a gente e corre pra dentro e fecha o portão, com medo da gente ser ladrão deve ser, não sei (...) Me sinto humilhada” (Catador 07)

“Por morar aqui, é difícil a pessoa aceitar né” (Catador 07)

“A dificuldade é que muitas pessoas não se conscientizaram, muitas pessoas misturam o lixo da reciclagem, não sabem separar” (Catador 08)

“Você sofre humilhação, as vezes tem gente rico que ele não quer te dar o material ele prefere jogar na rua, do que te dar na sua mão. Ou as vezes ele coloca objeto que já tá em decomposição no meio, só pra você não pegar” (Catador 10)

Pelas entrevistas, foi possível fazer duas constatações. Primeiramente, os catadores defendem o próprio trabalho como fonte de orgulho, seja por acreditarem em sua atividade como um bem social, ou mesmo por recompensa individual. Contudo, muitos deles não anseiam que os filhos atuem nessa mesma atividade, dando grande importância à educação deles, pensando-a como garantia de um futuro às crianças, como

já foi citado anteriormente. Essa relação de contradição com o trabalho reflete na representação social que esses sujeitos têm dessa atividade, pois, ao mesmo tempo em que atribuem poucas dificuldades nessa função, descrevem melhorias relacionadas ao reconhecimento social, seja por meio de aumento de preços no momento da venda do material reciclável.

Relacionando-se ainda com humilhação, preconceito e reconhecimento social, observamos falas recorrentes em duas entrevistas de comparação entre o lixeiro e o catador de lixo reciclável. Foram falas muito interessantes, nas quais os sujeitos se diziam diferentes dos lixeiros.

“Eu acho que as pessoas tem dificuldade de pensar pra falar, as pessoas chamam a gente de lixeiro, nós não somos lixeiros. Eles acham que não machucam, mas machucam a gente, a gente não é lixeiro a gente trabalha com reciclagem. Acho que as pessoas tem que pensar nisso daí pra falar, nós não somos lixeiros” (Catador 08)

“É humilhante, porque na maioria das vezes o pessoal fala, não é um catador de lixo, não é chamado de catador de lixo, ele tem que ter respeito, ele tem que ter ... o catador de papel ele tem humildade, ele tá fazendo uma coisa que nem todo mundo no mundo tem coragem de fazer” (Catador 10 – falando sobre a situação atual do catador)

Identificamos essa diferenciação como uma consequência do significado negativo do lixo tão consolidado em nossa sociedade, o qual evidencia um conjunto de conotações ruins: o odor, a aparência e a decomposição. A semântica negativa do lixo influencia o modo como os catadores se identificam e classificam enquanto sujeitos. Medeiros e Macêdo, ao retomarem o conceito de trabalho em uma perspectiva sócio-histórica, citam Dejours (1987 apud MEDEIROS; MACÊDO, 2007), que aponta o trabalho como uma forma de afirmar a identidade dos sujeitos, colocando-o como um elemento integrante da vida das pessoas, partindo da ideia de que o trabalho possibilita a construção da identidade, tanto profissional quanto pessoal. Ou seja, é o meio pelo qual os indivíduos se relacionam com sua realidade, caracterizando o seu próprio modo de vida. Sendo assim, a imagem negativa do lixo acaba por interferir na própria ideia que o catador faz de si e do seu trabalho, interferindo também na imagem que a sociedade faz do catador.

As autoras também apontam para a ambiguidade na relação com o lixo por parte dos catadores. O lixo representa o meio de vida dos catadores e ao mesmo tempo não

deixou de ter a conotação negativa socialmente construída, refletindo então toda a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação diante do próprio trabalho.

Formação do Grupo

Para que fosse possível realizar reflexões sobre as questões identificadas nas entrevistas em um processo de identificação de sujeitos que compartilham das mesmas condições de trabalho e assim efetuarem troca de ideias, como também se organizarem para a conquista de melhorias de sua categoria, utilizou-se como instrumento de intervenção o processo de grupalização.

Na realização do primeiro encontro compareceram dois sujeitos apenas, sendo apresentado um panorama dos dados coletados nas entrevistas que possibilitou uma rica reflexão entre os participantes. Já um segundo encontro foi planejado procurando suprir as possíveis falhas que poderiam ter influenciado na participação dos catadores de lixo reciclável. Foram realizadas as seguintes mudanças: lugar de encontro mais próximo à moradia dos participantes, lembretes com a data do encontro e disposição de telefones para contato, número maior de convidados e telefonemas para confirmação da presença no encontro. E assim, compareceram dois convidados e o encontro não foi realizado, pois um deles era o mesmo que veio ao encontro anterior.

Procurou-se refletir sobre os determinantes que impossibilitavam a formação do grupo e um desses determinantes remete-se a natureza da atividade propriamente dita, em que o isolamento é constante durante todo o trajeto, circulando por muitos lugares sem um ponto fixo, depois fazendo a separação do material também sozinho, somada ao isolamento social, o ser invisível para os outros e com os próprios pares, bem como a pouca prática de atividade coletiva (MARTINS, 2003; LANE, 1985).

Os sujeitos prezam nessa atividade a autonomia e a flexibilidade dos horários e compromissos. Sendo assim, como eles mesmos relatam, não há muita discussão e relação entre eles, não há um diálogo frequente sobre as adversidades enfrentadas na profissão e, principalmente, não há confiança, gerado principalmente pelo receio de perder sua autonomia e liberdade com a atividade praticada. Sendo assim, estes optam por não se reunirem em grupo e não discutirem juntos sobre suas condições de trabalho.

Outro fator a ser considerado é a representação social dos mesmos, assim como o isolamento social. Estes trabalhadores fazem parte de uma classe estigmatizada como

ladrões, vagabundos e até mesmo são confundidos com o próprio lixo, além de viverem em condições de pobreza e miserabilidade. Devido a essas condições, muitos desses sujeitos sofrem humilhação e preconceito por meio da omissão, do afastamento das pessoas nas ruas e da negligência de autoridades, fazendo com que almejem um maior reconhecimento frente à sociedade para que tais situações de desrespeito tenham fim e suas atividades sejam valorizadas. (MEDEIROS e MACEDO, 2006)

Tal vontade de serem reconhecidos socialmente que deveria ser um ponto a favor para que eles comparecessem aos encontros e assim este obtivessem sucesso, se inverte e a descrença de que poderiam conquistar melhorias por meio de ações iniciais como a reflexão proposta pelos encontros contribui para a decisão de se ausentarem do encontro devido à constante humilhação, preconceito e descaso recebidos pela população em geral, tal como relatado pelos catadores nas entrevistas.

Esses participantes são pessoas que vivem as condições do imediato e apresentam certa dificuldade de visualizar ações que acarretem em consequências futuras devido à ausência de oportunidades sociais. Ou seja, pode-se considerar que as propostas realizadas a eles como os encontros eram díspares em relação aos hábitos desses indivíduos. Cabe aqui ressaltar que tal disparidade é circunstancial e que não diz respeito à capacidade dos participantes em se reunirem em grupo – e sim na provável inadequação de método que propusemos a eles naquele momento. (MARTINS, 2003)

Então um encontro para discussão de possíveis ações e alternativas para as questões que envolvem todo o trabalho com a reciclagem é um instrumento necessário, porém ainda precoce nesse momento e no cotidiano destas pessoas, as quais são isoladas de qualquer discussão ou reconhecimento social

Construção dos Folhetos

Um dos objetivos da elaboração dos folhetos foi a instrumentalização dos catadores de lixo reciclável para enfrentamento das demandas e necessidades surgidas nas entrevistas. Para poder atender a esse objetivo, confeccionamos folhetos com essas informações. Tal estratégia foi utilizada para substituir os encontros em grupos, os quais não obtiveram sucesso devido à baixa adesão dos envolvidos no projeto.

Foram elaborados e distribuídos quatro folhetos. O primeiro referente aos dados coletados nas entrevistas realizadas. Os seguintes foram relacionados a demandas

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

identificadas nas entrevistas, como informações sobre o Centro de Zoonoses ou o INSS e o último deles, acerca das questões relacionadas aos cuidados necessários e importância social da reciclagem. Os folhetos foram entregues e discutidos pessoalmente com os catadores de lixo reciclável, sujeitos da pesquisa/intervenção. O último folheto consistiu em informações necessárias para que a população em geral pratique a reciclagem, auxiliando o trabalho dos catadores e beneficiando o meio ambiente. Sendo assim, foram oferecidos a estes catadores centenas de cópias, para que eles pudessem repassar tais folhetos à população de residências, condomínios e prédio em que já realizam a coleta.

Para conseguir as informações que os catadores de lixo reciclável envolvidos no projeto necessitavam, foram visitados diversos órgãos municipais como a Secretaria Municipal do Bem-estar Social, o Centro de Referência de Saúde do Trabalhador, a Prefeitura de Bauru, o Centro de Zoonoses, entre outros, a fim de repassar conteúdos úteis e seguros para os mesmos. Entretanto, houve dificuldades no contato com os mesmos, assim como na obtenção de informações, pois esses órgãos apresentavam resistência para fornecer as informações ou disponibilizavam serviços inacessíveis aos catadores entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Medeiros e Macêdo (2006), conclui-se também que o lixo para os catadores pode representar tanto a forma de sustento de suas famílias, como a expressão de sua conotação negativa, através do preconceito sofrido e por tal atividade ser resultado de falta de possibilidades de outra atividade. Assim como houve relatos de catadores que sentem certa identificação com o próprio lixo. Constatou-se que esses trabalhadores praticam tal atividade a partir de uma situação de desemprego, na qual permanecem devido à baixa escolaridade e a exigência atual do mercado de trabalho.

Tais indivíduos são explorados por sucateiros, que não pagam o real valor do material, assim dizem continuar na atividade devido à flexibilidade de horários, a autonomia da prática e a necessidade resultante das condições financeiras.

Conclui-se também que existe outro problema comum entre estes catadores de lixo reciclável, os quais todos vivem em moradias precárias, estando sujeitos ao despejo, tendo como característica grandes terrenos sem esgoto e coleta de lixo. Seus filhos costumam brincar em meio ao lixo e aos recicláveis espalhados pela moradia, o que pode acarretar a possibilidade de adoecimento.

Verifica-se que a maioria desses trabalhadores não consideram os riscos existentes em suas atividades, pois sabem da possibilidade recorrente de se machucarem mas não usam equipamentos de segurança por considerarem tal situação corriqueira, desnecessária e de alto custo para eles. Do mesmo modo que negligenciam sua proteção, também frequentam pouco os postos de saúde e hospitais, justificando tais atitudes pela dificuldade de assistência oferecida por estas instituições.

Em sua maioria, verifica-se que tais catadores percebem a necessidade de serem reconhecidos por tal prática de trabalho, por meio de cadastros e regularizações, as quais facilitariam e valorizariam suas atividades. Porém, todos criticam as atitudes impostas para que tal objetivo seja alcançado – como, por exemplo, para regularizarem suas carroças e cavalos, necessitam de um comprovante de residência, o que é impossível de ser adquirido já que habitam em favelas construídas em terrenos públicos ou privados ocupados.

Verificou-se que os sujeitos nunca participaram de uma cooperativa e apresentam certa rejeição para criá-la, seja por descrédito em sua eficácia ou por acreditarem que partilham de desejos e ideias distintas. Consideram que reunidos não chegariam a um acordo e alguns seriam privilegiados em relação a outros, uns receberiam um maior valor que os demais e alguns não trabalhariam e também receberiam. Porém, o que foi constatado nas entrevistas é que o processo acontece de forma contrária do que acreditam, pois todos estes catadores compartilham das mesmas ideias e vontades: reconhecimento pela atividade que praticam, condições melhores e favoráveis de trabalho e necessidades básicas de cidadão como o saneamento básico.

Acredita-se que os objetivos propostos foram atingidos, mas cabe-se uma ressalva em relação à participação nos eventos grupais, pois possibilitariam maiores discussões e reflexões sobre o tema. Alguns fatores contribuíram para o não comparecimento nos encontros propostos, tais como: a insegurança, a rivalidade entre alguns entrevistados e certa indisponibilidade de tempo.

Com a nova estratégia metodológica de abordar os participantes a partir de folhetos, foi garantido que estes tivessem contato com os pontos que seriam abordados nos encontros, e também tivessem um registro de todos os conteúdos identificados. As abordagens individuais criaram condições de criar um vínculo maior com os entrevistados. Com a utilização dos folhetos, não houve troca entre as discentes e catadores recicláveis envolvidos no projeto, pois as informações eram repassadas, mas as discussões não aconteciam.

Por fim, os encontros em grupo poderiam ser mais efetivos e alcançariam os objetivos do projeto, como também poderiam dinamizar as relações entre os catadores entrevistados, possibilitando que esses trabalhadores, em conjunto, iniciem discussões e vão à busca de seus direitos e vontades. Porém, os discentes garantiram o repasse de informações necessárias destacadas nas entrevistas e, graças a algumas intervenções, foi possível gerar pequenas reflexões, com as quais se espera que oportunizem atitudes e ações garantindo o bem-estar destes sujeitos e seus direitos de cidadania.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

BLEGER, J. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 591-606, dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2010.

GONÇALVES, J. A. Onde uns só vêem lixo, também há trabalho e renda. In: MELLO, C.; STREIT, J.; ROVAI, R. (Orgs.). **Geração de trabalho e renda, economia solidária e desenvolvimento local**: a contribuição da Fundação Banco do Brasil. São Paulo: Publisher, 2006.

GONÇALVES, P. *Coleta seletiva e inclusão social* [On line], 2001: Disponível em: www.lixo.com.br/artigo1.htm. Acessado em 18/04/2005.

GONZÁLES REY, F. **Sujeito e Subjetividade** – uma Aproximação Histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GRADELLA JÚNIOR et al. Relatório do Projeto de Extensão “Contribuições da Psicologia Social e da Engenharia de Produção a uma Cooperativa de Reciclagem de Lixo”, 2010.

GRADELLA JÚNIOR, O. **Sofrimento psíquico e trabalho intelectual do docente universitário**. Marília, 2002a, 154 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M. e CODO, W. (orgs.) *Psicologia Social - o homem em movimento*. Brasiliense: São Paulo, 1985.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LÚCIA, A.; TEIXEIRA, L. S. C. Educação ambiental e reciclagem de lixo: Exercício de Cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/congrent/Meio/Meio26.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2010.

MARTINS, S. T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. In: *Psicologia & Sociedade*; 15 (1): 201-217; jan./jun.2003

MARX, K. Processo de trabalho e processo de valorização. In: _____. **O capital** – crítica da economia política. São Paulo : Nova Cultural. 1988. v. I, p. 142-156.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/.../viewarticle.php?id.>>. Acesso em: 09 de Jun 2010.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 3, n. 2, p. 72-94, 2007.

MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador**: uma análise psicossocial. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL (CNMR). http://www.mncr.org.br/box_2/instrumentos-juridicos/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo?searchterm=M%C3%89DIA+SA. Acesso em 13/08/2013.

PORTO, M. F. S. et al. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores de um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, 2004.

ROCHA, R. de C. T. **Relações de trabalho e produtividade em uma abordagem interdisciplinar**: contribuições da engenharia de produção e da psicologia social a uma cooperativa de reciclagem de lixo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção, Faculdade de Engenharia de Bauru, Universidade Estadual Paulista, 2009.

SCHMITT, J. M. P. e ESTEVES, A. B. DE S. As Condições de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis do Lixão na Capital do Brasil.

www.cobrape.com.br/home/biblioteca/mapas/catadores.pdf, Acesso em 13/08/2013

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Anexo 01:

Roteiro de Entrevista

- Dados Pessoais:

. Nome

. Idade

. Estado Civil

. Filhos

. Grau de Escolaridade

. Residência

- Histórico de Trabalho:

. Já teve algum outro emprego? Descrever as condições: se era fixo, quantas horas, etc.

. Por que e como passou a trabalhar como catador?

. Já fez parte de uma cooperativa? à Se sim, como relataria tal experiência? Boa ou Ruim? Por quê?

- Rotina de Trabalho:

. Como é a sua rotina de trabalho?

Extensão e Sociedade – 2014 – Ano 5 – No 7 – Vol. 1 – PROEX

- . Que horas você sai para a coleta? Vai sozinho?
- . Quantas horas passam andando?
- . Voltam para casa?
- . Que materiais coletam? Tem um de maior valor?
- . Quanto de dinheiro, na média, é arrecadado por mês?
- Condições de Saúde e Trabalho
- . Como você vê e descreve a situação de catador?
- . Quais aspectos negativos desse trabalho?
- . Utiliza-se de algum equipamento de segurança? Por quê?
- . Freqüenta o posto de saúde?
- . Paga INSS – Instituto Nacional de Seguro Social?
- . Há discussão sobre os problemas enfrentados?